

EU, O ESPÉRMICO

[SOBRE O TERRÍFICO VIVER EM ARTE OU A VOZ DO MORTO]

Roberto Corrêa dos Santos

CADÊNCIAS TIMBRES ALTURAS TONS CURVAS VAZIOS
DOBRAS SALTOS VOLUMES INTENSIDADES DECLIVES QUEDAS
SILÊNCIOS. E OS ESTADOS OCOS: sente-se assim a MÁ DICÇÃO do
criar: criar o viver sendo o MORTO. Ali, a seta dos afetos fortes, e duros
também, a exigir a abertura e o uso do arco tensor: a habilidade do gesto,
onde? Onde grita o artista que sou. A armadura dos mecanismos mentais
ativados faz deste eu um dos malditos. Nos malditos, o querer. A moléstia
do estar. E o pensamento que não cessa, e é brutal. Ora cai na cama o
maldito. A força, onde? Onde a força? Inaugurando uma ética, e suportar
perder próximos por não saber bem exprimir o mundo revolto da arte na
veia. Sem explicar, dizer-lhes: sou de bronze: não me dobrem; não há
como. MOVIMENTOS SONOROS NA VIANDA DAS ALMAS
DE ARTISTAS. Sim, muitas almas tenho: temos; mudam as almas em
notação impossível por meio de cronômetros. Pronto: eis-me em um eu



MMMMMMMMMMMMMPLESMENTE RESPIRANDO. Febre e calor e bem mais do que saúde, sinto; a-doença-a-cura. Nada resiste à plasticidade. NADA? A carne e o tendão; o mover a letra à depressiva voltagem das coisas depressivas: moléstias muitas vezes são formas: lambar a vida valendo-se do delírio das regras. GERA A LINHA O PRÓPRIO AMBIENTE: receituários díspares: o outro quase par. ESTRANGEIRAS COMUNICABILIDADES; modelar o irrecusável destino. Seguir as pulsões que se impõem, reduzir a cegueira até a vidência. Agitar as sabedorias do humor: remédios para o senso d'arte, para a leveza do espírito. A vida pode e não pode ser tratada à revelia de suas reivindicações letais. Irmanar os assimétricos: assinalar (a) o estado virtual do sexo, indicando em tudo haver pau, bunda, buceta e cu; (b) os processos de identificação equívocos. Malditos oferecem lâminas de corte estético-transferenciais, e malditos se misturam, são por natureza mestiços, e isso demolindo ilusões de autoentendimento, (c) o exato limite de que: um-não-é-o-outro: e é. Junto ou não junto, este este este este, este está no outro. E depois não mais a certo instante! O ovo da transferência está sadio, indaga-se o maldito que sou, e o maldito que sou busca a cura dos intérpretes. Gargalha. O que fazem os generosos malditos? Shakespeare será sempre o maior dos malditos? Estamos a contribuir em porções. O DESENHO DAS ESCOLHAS e das medidas; vínculos de amor. O MALDITO

MORRERMORRER. Sei o que é morrer. Malditos são mortos. MORTOS. POIS MAIS QUE FANTASMAS OU VIVOS: MORTOS. MALDITOS DETESTAM OS ZUMBIS À VOLTA. MALDITOS CORTAM OS PULSOS INVISÍVEIS DOS ZUMBIS. Meu irmão-filho morreu. Sei o que é morrer. **MORRERAM OUTROS. MORTO UM. MORTOS TODOS. ESTAMOS, senhoras e senhores, estamos CAVANDO A CARNE PARA IRMOS AO OSSO. E AO SOPRO. CARNES SÃO DA SEARA DOS FONEMAS, CARNES SÃO ABERTAS SENTENÇAS.** U'A MULHER supera seu limite: sua alta ardência pode dar-se pela galhardia de sensuais recursos a reter sob dentes e punhos o poder que resulta da química entre pathos e ações. MALDITOS SABEM SER MULHER. Para ter em mãos os tantos ritmos necessários à vida do MORTO reconhecem os malditos ser preciso estancar, meter-se em quase total escuro, e fabricar longos buracos: e nenhuma concessão (que continuem doentes os doentes benditos; isso, isso até que construam uma própria medicina, qual dos malditos, sempre clínicos. Artes para as multiespecializações, dizemos os malditos. Afagos, de quando em quando, fazem as letras da vida, podendo; logo à frente, se for o caso, juntar a elas safanões. Jogar a lama e as fezes na face daquele

que. Lavar do leitor, TU e AQUI, todo o corpo de tu com macia e branca.

TU, QUASE AO

NOSSO TOQUE.

Toalha, pois

um corpo, de um modo ou de outro, tem de ser acolhido, tratado. Keats, Whitman, Hilda, Kaváfis, Rilke, Donne e Hölderlin. Subitamente e na hora, alguém será lançado para longe; quebra-se a cadeira, afasta-se a

mesa, arrasta-se quem lia, **TU** para fora do quarto. Ou pedir a

mão, dê-ma, TU QUE LÊS, iremos até o estrangeiro que está tão tão tão...., e olha tu os espaços escatológicos, os de repulsiva e atraente indiferença (basta de cobertas, saia da cama!). Comer o leitor, comer tu. Dar de comer a tu. E salvar-te, se de salvação precisares: mas não, se maldito fores tu. COMO UMA OBRA SURGE? Queimando-a, queimando-nos. OBRAS comunicam-se de costas. Sair da ostra-do-que-foi,

do-que-poderia-ter-sido, do-para-o-que-está-sendo: **VEDE**

VÓS A PASSAGEM

DO

SOM E DO AR DOS

MALDITOS.

SÓLIDA

TRANSPARÊNCIA

ESTA: Édipo, abolir; abolir casos, triângulos, abolir.

Que não prepondere o vértice do imaginário, se em irrealista amor. Ouve-se da lei a risada poderosa mas que teria (talvez pudesse ter) permitido a vida comum processar-se; e daí, se há músculo nas contrações dos malditos? O bom de habitar – o meigo, o não voraz, o que persevera – faz parte; que ninguém ouse reter os malditos!: cuidado: neles, nos malditos, o instinto – audazes e discretos os malditos; os pensamentos, as expressões dos malditos; as parábolas curtas e repletas dos malditos, escutai. Kohan. O do grande amor à vida, daí a morte constante e corriqueira. MALDITOS DEIXAM o poema da vida deslizar: a Dama, a Morte, seus ritmos e assuntos e vocábulos diários. Se há ceticismo nos malditos, é mínimo: pois vivem do comungar. Estar nesses quentes e confortáveis braços, até

